

CONTRIBUIÇÕES DA RELIGIOSIDADE NA EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA PELO CORONAVÍRUS

**RAFAEL FERREIRA PUREZA DE OLIVEIRA¹, DEBORAH BURIL ROCHA
RIBEIRO², MICHELE DE OLIVEIRA PEREIRA³, KELLY RAMOS DO
ROSÁRIO⁴, ALEXSANDRO MONTEIRO PONTINI⁵, RONALDO CARDOSO
DE OLIVEIRA⁶**

¹ Profissional de Educação Física, professor de Educação Física do Instituto Federal Fluminense (IFF), Campus Santo Antônio de Pádua, mestrando em Ciências das Religiões, Faculdade Unida de Vitória (FUV). E-mail: rafapureza@msn.com

² Professora e psicopedagoga da Rede Municipal de Vila Velha (ES).

³ Pedagoga, técnica do programa saúde na escola do Município de Vila Velha - ES e professora nas séries iniciais do fundamental do Município de Cariacica - ES, mestranda em Ciência das Religiões, Faculdade Unida de Vitória (FUV).

⁴ Advogada, orientadora no núcleo de prática jurídica da Faculdade de Direito do Vale do Rio Doce (FADIVALE), mestranda em Ciência das Religiões, Faculdade Unida de Vitória (FUV).

⁵ Professor de Arte, mestrando em Ciências das Religiões, Faculdade Unida de Vitória (FUV).

⁶ Sacerdote, psicanalista, mestrando em Ciências das Religiões, Faculdade Unida de Vitória (FUV).

RESUMO

A pandemia pelo novo coronavírus (COVID-19) evidenciou aspectos, até então esquecidos pela sociedade. Outrora, era comum observar os parques cheios de famílias num piquenique tranquilo, ou ver as mães indo levar e buscar os filhos à escola, as pessoas livres, enfim, o cotidiano parecia normal, mesmo com toda a falta de tempo e estresse que o capitalismo impõe. Mas, o mundo não será mais o mesmo pós-pandemia, as relações sociais sofreram uma verdadeira avalanche de mudanças sem o mínimo de planejamento e previsão, dessa forma, a família e a escola, enquanto núcleos primários de socialização precisaram se readaptar a nova estrutura de forma muito rápida. E, nesse percurso, a socialização esteve ameaçada, tendo em vista que a vida e a morte estiveram muito próximas das pessoas, de um jeito nunca antes experienciado. Nesse sentido, o estudo visa ressaltar a importância da religiosidade na área educacional em tempo de pandemia, uma vez que o processo de isolamento social trouxe, em seu bojo, uma série de desafios até então desconhecidos, tais como o medo e ansiedade da doença, como também, o novo processo de ensino realizado à distância, sem estar perto e sem as interações. Por meio da pesquisa bibliográfica, baseada em Alves (1999), Freire (1996), Goleman (1999), Passos (2007), Junqueira (2016), dentre outros, foi possível inferir que a inteligência emocional como ação propositiva relacionada a religiosidade do indivíduo social, consegue assegurar atitudes de confiabilidade e segurança, indispensáveis para a manutenção de um *status* saudável junto aos professores/as e alunos/as no cotidiano do contexto educacional.

Palavras-chave: Educação; Inteligência Emocional; Religiosidade.

CONTRIBUTIONS OF RELIGIOSITY IN EDUCATION IN TIMES OF PANDEMIC BY THE CORONAVIRUS

ABSTRACT

The pandemic for the new coronavirus (COVID-19) highlighted aspects, that had been forgotten by society until then. In the past, it was common to observe the parks full of families in a quiet pequinique, or to see mothers going to take their children to school and free people, in short, everyday life seemed normal, even with all the lack of time and stress that capitalism imposes. But, the world will no longer be the same after the pandemic, social relations have undergone a veritable avalanche of changes without a minimum of planning and forecasting, thus, the family and the school, while primary nuclei of socialization had to adapt to the new structure very quickly. And, along this path, socialization was threatened, given that life and death were very close to people, in a way never before experienced. In this sense, the study aims to emphasize the importance of religiosity in the educational area in times of pandemic, since the process of social isolation brought within it a series of challenges hitherto unknown, such as fear and anxiety of the disease, as well as , the new distance learning process, without being close and without interactions. Through bibliographic research, based on Alves (1999), Freire (1996), Goleman (1999), Passos (2007), Junqueira (2016), among others, it was possible to infer that emotional intelligence as a propositional action related to the religiosity of the social individual, manages to ensure attitudes of reliability and security, which are indispensable for maintaining a healthy status with teachers and students in the educational context.

Keywords: Education; Emotional Intelligence; Religiosity.

1 INTRODUÇÃO

A situação de pandemia instaurada no país e no mundo trouxe a tona algumas questões que outrora estavam adormecidas socialmente. Os sujeitos sociais viviam escravos do tempo, do qual reclamavam sistematicamente. Justificando-se por não conseguirem realizar seus planos ou por terem que cumprir metas, alheias às suas próprias vontades, mas que precisam aceitar, tendo em vista que a manutenção do lar e desenvolvimento da vida social depende, muitas vezes, desse processo difícil e complicado. Agora, com tempo suficiente, as pessoas encontram-se angustiadas, perdidas e ansiosas.

Na educação, não tem sido diferente: o isolamento social serviu para avaliar o quanto a escola tem de (des)preparo para enfrentar o ensino à distância (não enquanto

modalidade de ensino), mas no sentido de ser ou de estar longe um dos outros, cujo resultado demonstra que as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), tão temidas num passado muito próximo, são, na verdade, as ferramentas que farão a diferença entre receber ou não o ensino, uma vez que o conhecimento continuará a ser uma questão subjetiva.

Torna-se crucial estabelecer uma relação entre a religiosidade e a educação, uma vez que a pandemia pelo novo coronavírus transformou o *modos operandi* da sociedade em todos os aspectos. E, bem perto de nós, já era possível vislumbrar que a sociedade estava se alterando e que a escola permanecia como que “ancorada em formas tradicionais de ensino” (PUNSET, 2010 *apud* VALENTE; MONTEIRO, 2016, p. 2).

O coronavírus chegou e trouxe, em seu bojo, a certeza de que ainda há muito que se pensar e investir, principalmente, na saúde, na pesquisa e na educação, com o uso das TICs e, ainda, abre espaço para as subjetividades pessoais. Portanto, questiona-se quais as contribuições da religiosidade, na educação, em meio a esse momento de pandemia?

Os objetivos deste estudo consistem em apresentar qual a importância da religiosidade na área educacional em tempo de pandemia pelo coronavírus, bem como descrever as características da inteligência emocional e sua importância no contexto das relações pedagógicas. Para tanto, o percurso metodológico escolhido foi a pesquisa bibliográfica, que, ancorada em autores e pesquisadores referência na temática, contribuíram sobremaneira para respondê-los.

Assim, o estudo prima por servir de instrumento informativo para a divulgação da importância da religiosidade, como uma das áreas envolvidas (diretamente) na educação emocional dos sujeitos. E pretende elencar qual a importância da religiosidade e quais as contribuições na área educacional em tempos de pandemia pelo coronavírus, além de descrever as características e importância da inteligência emocional no contexto das relações pedagógicas.

2 METODOLOGIA

O percurso metodológico corrobora para que os objetivos delimitados possam ser alcançados de forma satisfatória e, na área da educação, a pesquisa tem o

significado de buscar ou de informar-se a respeito de algum assunto ou fenômeno (PRETI, 2005 *apud* MARTINS; RAMOS, 2013).

O estudo apresenta como objeto de investigação a religiosidade na área da educação, relacionando-a ao período social ao qual a sociedade tem vivido nos últimos meses com o advento da pandemia pelo novo coronavírus (COVID-19). Justifica-se o interesse partindo da premissa de que há muito que se divulgar em termos de informações referentes a essa fase de crise existencial, política, de saúde pública, social, psicológica e religiosa que as pessoas estão aprendendo a enfrentar.

A pesquisa é bibliográfica; segundo Gil (2010, p. 10), “é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” e, o nível de pesquisa, segundo o objetivo, é descritiva, pois, “têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis” (GIL, 2010, p. 28). A revisão bibliográfica que embasa a pesquisa está fundamentada em autores referências na temática, dentre os quais se destacam: Rubem Alves (1999), que fala da religião/religiosidade; Paulo Freire (1996), com o legado de que a educação precisa formar o sujeito em sua totalidade, a partir da visão de mundo; Goleman (1999), que apresenta a inteligência emocional como aliada aos conhecimentos cognitivos que auxiliam na formação do sujeito; Passos (2007) e Junqueira (2016), que tratam do ensino religioso e sua metodologia, enfim, dentre outros que descrevem com propriedade a respeito do tema analisado.

Os dados foram obtidos a partir do acervo pessoal dos autores e por meio das experiências profissionais, tendo em vista que, na área da educação, tem-se assuntos que se complementam. Assim, a seleção do acervo se deu pela categoria de palavras-chave, quais sejam: Educação; Inteligência Emocional; Religiosidade, considerando as discussões e compreensões do acervo bibliográfico, para, finalmente, prosseguir com a produção teórica propriamente dita. Depois de juntar “os retalhos dos textos”, elaborou-se uma versão inicial que, aos poucos, foi sendo aperfeiçoada, até a conclusão de todo o artigo.

Vale ressaltar que a temática “pós-pandemia” demanda produções que possam abranger as inúmeras áreas do conhecimento e da pesquisa; portanto, este ensaio é uma iniciativa que preza por contribuir para uma educação que possa compreender a criança e o/a adolescente em sua totalidade, em que, parafraseando Aristóteles, ao educar a

mente e não conseguir educar o coração, não haverá educação. Assim, a pandemia já tem feito o homem/a mulher seres ainda mais diferentes e complexos.

3 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS DA RELIGIOSIDADE E DA PSICOLOGIA NA EDUCAÇÃO EM TEMPO DE PANDEMIA PELO NOVO CORONAVÍRUS

De acordo com a pesquisa do Instituto de Estudos Avançados (IEA) da Universidade de São Paulo (USP), realizada em 2020, em meio a essa pandemia pelo coronavírus, o isolamento social desencadeou uma série de ações, dentre elas, o fechamento das escolas, o que trouxe à necessidade de adoção de novas estratégias para garantir a continuidade do processo de ensino-aprendizagem (GRANDISOLI; JACOBI; MARCHINI, 2020). E, nesse contexto, outras complexidades foram evidenciadas, tais como: a desigualdade social, a diversidade religiosa e a parte emocional, que, na educação, tornam-se pontos positivos ou negativos dependendo da forma como serão conduzidas as estratégias de ação, nesse momento de incertezas, medo e angústia, devido a um mal, até então, desconhecido, que soma à doença, as formas de contaminação e os anseios por respostas que não chegam. Nesse sentido, apresenta-se, a seguir, as contribuições da religiosidade e da psicologia na educação em tempos de pandemia pelo coronavírus.

3.1 Aspectos gerais da educação em tempo de pandemia pelo novo coronavírus

Sabe-se que a escola é responsável pelo desenvolvimento acadêmico, principalmente, pela preparação para o mercado de trabalho e, raramente, pela preparação para a vida. Nesse contexto, a família tem o papel de orientar a criança e o adolescente de forma que possa exercitar a inteligência emocional, principalmente num momento em que a escola está no modelo de educação à distância, devido ao distanciamento social imposto como prevenção ao coronavírus.

Tais mudanças, aliadas as Tecnologias da Informações e Comunicação (TICs), trouxeram impactos aos estudantes, famílias e profissionais da educação, pois, abrangem diferentes dimensões das quais demandam ações que envolvem os aspectos religiosos e psicológicos. E, partindo da premissa de que o ser humano é um ser único,

dotado de emoções e sentimentos que o fazem (des)equilibrado conforme as relações estabelecidas, é imprescindível que tenha inteligência emocional para saber agir (ARANTES, 2002). Nesse interím, reafirmamos a perspectiva da expressão *conhecimentos cognitivo-afetivos*, baseando-se em dois argumentos. O primeiro de caráter psicológico:

que consideram a inteligência e a afetividade dicotômicos e/ou separados, no processo de construção do conhecimento [...] acreditamos que o conhecimento dos sentimentos e das emoções requer ações cognitivas, da mesma forma que tais ações cognitivas pressupõem a presença de aspectos afetivos (ARANTES, 2002, p. 2).

E o segundo argumento, que reitera o primeiro, diz respeito a:

divisão histórica e culturalmente estabelecida entre os “saberes racionais” e os “saberes emocionais”. Se os aspectos afetivos e cognitivos da personalidade não constituem universos opostos, não há nada que justifique prosseguirmos com a idéia (sic) de que existem saberes essencialmente ou prioritariamente vinculados à racionalidade ou à sensibilidade (ARANTES, 2002, p. 2).

E, ao observar os dados do Censo Escolar (IPEA, 2020), percebe-se o quanto significativo é o número de indivíduos que estão sob a responsabilidade da escola, muitos, destituídos de estrutura familiar para prosseguirem nos estudos, conforme a Tabela 1.

Tabela 1- Dados informativos acerca das matrículas em 2020 no Brasil

No Brasil	Número de escolas	180,6 mil
	Número de matrículas	47,9 milhões
Onde estão os alunos?	em área urbana	88,9%
Onde os alunos estão matriculados	nos municípios	48,1%
	na rede estadual	32%
	na rede privada	19,1%
	na rede federal	0,8%

FONTE: Construção própria, baseada em Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (IPEA, 2020).

O Censo Escolar, de responsabilidade do IPEA, trouxe como resultado os números na classe dos milhões para expressar que o contingente não é pequeno, afinal,

são 80,9% dos alunos nas redes públicas (municipais, estaduais e federal). Destes, 48,1% estão nas redes municipais e 88,9% na área urbana, sendo assim, o total de estudantes que são formados sob a égide da escola pública é a maioria absoluta.

E o que a escola tem feito para acolher tal estudante? O que tem planejado para o contexto das relações pós-pandemia, que dizimou vidas, trouxe o desemprego e a visibilidade de milhões que se encontram na linha da pobreza digital, de informações, de educação e de condições de sobreviverem? Qual a importância da religiosidade nesses tempos de insegurança mediante ao coronavírus? A psicologia pode contribuir com a educação frente a essa realidade?

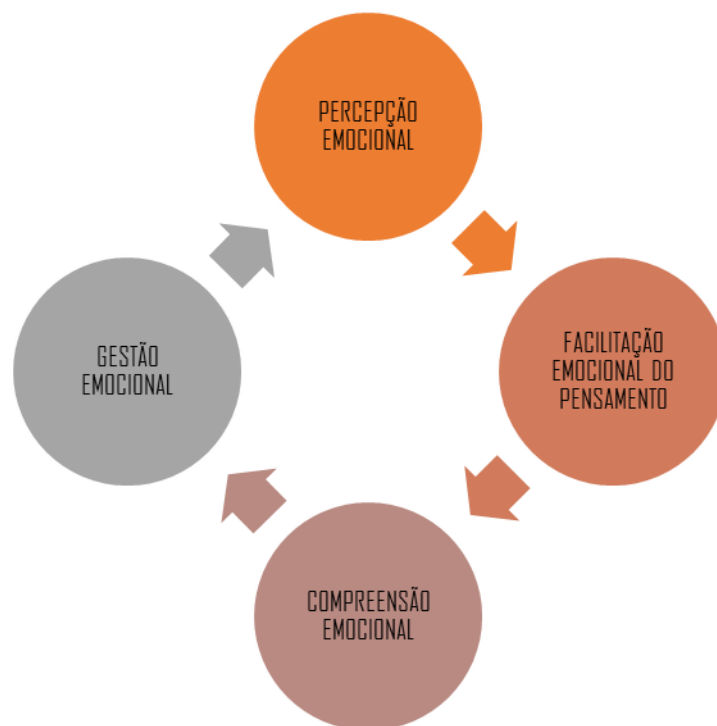
Observa-se que a escola tem se adaptado, de forma ainda tímida, para superar tais desafios, que, de certa forma, trouxeram à tona a realidade do despreparo, do distanciamento entre as TICs, da falta de compreensão acerca da diversidade religiosa e sua importância, aspectos fundamentais como facilitadores do processo ensino-aprendizagem por meio da inteligência emocional.

3.2 Inteligência Emocional

A inteligência emocional está associada tanto ao sucesso pessoal quanto organizacional. Foi a partir de 1990 que o conceito de inteligência emocional emerge, sob a responsabilidade de John D. Mayer e Peter Salovey, quando redefiniram as inteligências pessoais de Gardner e, consequentemente, redirecionam a inteligência para junto das emoções.

Os citados autores (GARDNER, 1990 *apud* VALENTE; MONTERIO, 2016, p. 4) salientam que a inteligência emocional pode ser conceituada como o conjunto de quatro capacidades, observe a imagem a seguir.

Figura 1: Inteligência emocional



Fonte: Construído pelos autores baseado em MAYER; SALOVEY (1990 *apud* VALENTE; MONTERIO, 2016, p. 4).

Os referidos autores acrescentam que as quatro capacidades, mesmo que diferentes, exercem funções mútuas e concomitantes, com o propósito de promover melhores emoções e pensamentos.

Em 1995, Daniel Goleman publicou o Livro *Emotional Intelligence*, período em que a inteligência emocional se tornou conhecida e popular na área acadêmica e social. Esse autor esclarece que inteligência emocional pode ser definida como a capacidade que o ser humano tem de identificar seus sentimentos e os de outrem, de conseguir motivações e dominar as emoções, e ainda afirma que envolve quatro dimensões: a autoconsciência, o autodomínio, a consciência social e a gestão das relações (GOLEMAN *et al.*, 2007).

Associando-a ao contexto escolar, poder-se-ia dizer que a inteligência emocional seria a responsável por um clima e ambiente saudável e propício para as experiências e aprendizagens diversas, pois, “as pessoas emocionalmente competentes apresentam, nos contextos de vida prática, uma relação consigo e com os outros francamente mais positiva do que aqueles que apresentam sinais de iliteracia emocional” (DAMÁSIO,

1995 *apud* VALENTE; MONTEIRO, 2016, p. 4; GOLEMAN, 1999 *apud* VALENTE; MONTEIRO, 2016, p. 4).

Para o americano Daniel Goleman (2001, s/p), a inteligência emocional apresenta nove características, a saber:

1. Controlo emocional – controlar os seus sentimentos e gerir o seu humor;
2. Autoestima – ter bons sentimentos a seu respeito, independentemente das situações exteriores;
3. Gestão do stress – controlar o stress e criar mudanças;
4. Aptidões sociais – ser capaz de relacionar-se com os outros e ser empático;
5. Controlo da impulsividade – controlar a sua impulsividade e aceitar adiar as suas gratificações;
6. Equilíbrio – manter o equilíbrio entre o trabalho e a casa, as obrigações e o prazer;
7. Aptidões de comunicação – comunicar eficazmente com os outros;
8. Gestão de metas e de objetivos – fixar metas realistas em todas as esferas da vida;
9. Automotivação – motivar-se a si próprio na prossecução das suas metas, ser capaz de criar energia interna;
10. E atitude positiva – manter uma atitude positiva e relaxista mesmo nos momentos mais difíceis.

E, aos professores, cabe dominar a inteligência emocional, por um principal motivo básico e fundamental, para que possam transmitir e trabalhar com os estudantes o desenvolvimento dessas mesmas capacidades. Essa ação é parte dos programas de formação continuada, cuja finalidade encontra-se no modo eficaz de trabalho desse professor (BHATTACHARJEE, 2016 *apud* VALENTE; MONTEIRO, 2016, p. 5).

As relações interpessoais, independente do trabalho com a inteligência emocional, vêm carregadas de pré-conceitos, equívocos, conflitos e influências (familiares, culturais, sociais, etc.); nesse processo, convém ressaltar as contribuições da religiosidade nesse processo.

4 CONTRIBUIÇÕES DA RELIGIOSIDADE NA EDUCAÇÃO

A história consagra a hipótese da existência de uma certa separação entre razão e emoção, desde a Grécia Antiga. Um dos precursores desse postulado foi Platão, ao defender a ideia de que a virtude seria concebida como a liberdade ou troca de todas as paixões, prazeres e valores individuais realizadas pelo pensamento, que foi considerado por ele, valor universal ligado à imutabilidade eterna (SILVA, 2002). Porém, a partir da afirmativa filosófica de Descartes, com a célebre frase “penso, logo existo”, emerge para razão e emoção uma alternativa de dicotomia ou, “o que seria mais adequado,

assumiram implicitamente uma hierarquia entre tais instâncias do raciocínio humano, em que o pensamento tem valor de excelência” (ARANTES, 2002, p. 2).

Nesse percurso, tem-se a obra de Immanuel Kant, *Fundamentação da metafísica dos costumes* (1786), que contribui com tais afirmativas ao evidenciar a impossibilidade do encontro entre razão e felicidade, ao dizer que “quanto mais uma razão cultivada se consagra ao gozo da vida e da felicidade, tanto mais o homem se afasta do verdadeiro contentamento” e, acrescentou também “que se Deus tivesse feito o homem para ser feliz não o teria dotado de razão. Esse filósofo considerava, ainda, as paixões como “enfermidades da alma”. Tais reflexões denotam, também, como Kant estabelecia uma hierarquia entre a razão e as emoções” (KANT, 1960 *apud* ARANTES, 2002, p. 2). E observa-se que tais ideias encontram-se imbricadas nas metáforas cotidianas nas frase: “não aja com o coração”, “coloque a cabeça para funcionar”, “seja mais racional”, o que infere compreender que a decisão correta precisa livrar-se ou desvincular-se dos sentimentos e emoções, ou seja, *resolução sensata* encontra-se longe da dimensão afetiva (ARANTES, 2002, p. 2).

Na educação, assim como na psicologia, houve uma tendência de estudar os processos cognitivos e afetivos de formas separadas, que, como consequência, traz em seu bojo lacunas ao contexto escolar que corrobora para uma visão fragmentada, distorcida ou parcial da realidade. O/a estudante é um indivíduo em formação e a religiosidade colabora para o seu comprometimento com a própria vida na interação social por meio das experiências. Pelo fato de o indivíduo se perceber no mundo, com o mundo e com o outro, ele percebe sua presença não como ele se adapta, mas como se insere (FREIRE, 1996, p. 23).

Vê-se que a religião é tida como um auxílio, ou como uma direção em busca de algum objetivo, tanto que se torna refúgio para a superação ou como a fé em algo desejado (GAIGHER, 2018). Nesse sentido,

a religião é preservada como um sonho na construção de um horizonte de esperança em que os indivíduos espalham seus desejos e quebram as correntes para colher a flor, não em virtude de pressões que vêm de fora, mas em resposta aos sonhos que vêm de dentro (ALVES, 1999, p. 96-97).

Portanto, a questão da liberdade e respeito a diversidade religiosa, quando bem trabalhadas na educação de crianças e adolescentes, proporciona um ambiente de

tranquilidade e harmonia, para além do alcance da formação do indivíduo, mas pelo compartilhamento, respeito e perspectiva de trocas de experiências, com a promoção dos valores humanos, que, em tempos de pandemia, ficam vulneráveis. A ansiedade, o medo, a angústia, a vida-morte, a saúde-doença, são ambivalências que os/as estudantes precisam saber enfrentar, para não sofrerem com os efeitos da não solução desses aspectos, o que faz surgir os casos das síndromes, medos, crises, enfim, tristeza e decepção.

A autora Luiza Sena (2007, p. 19) salienta que “uma escola inteligente não pode deixar de fora o conteúdo religioso. Pôr para escanteio essa noção é esquisito, pois, se ela não é estranha à vida, como pode ser estranha à escola?”

A religião faz parte da sociedade e a discussão do ER não se inscreve, fundamentalmente, na esfera do debate sobre o direito ou não a religiosidade, mas do direito à educação de qualidade que prepare o cidadão para visões e opções conscientes e críticas em seus tempos e espaços (PASSOS, 2007, p. 77).

Há uma demanda por reflexões religiosas na educação, partindo do pressuposto de que os grupos sociais ali presentes, precisam se autoafirmarem para se sentirem pertencentes/partícipes, uma vez que a vulnerabilidade social ou econômica, anula a autenticidade cultural e seus valores (BRASIL, 1995). Nesse sentido, a religiosidade favorece os aspectos formativos,

[...] cuja capacidade, quando desenvolvida, pode ampliar a reflexão e a ação, com relação aos acontecimentos, formulações, normas, gestos e significados, sendo mesmo uma ferramenta para um agir social que venha a transformar as relações pessoais positivamente (JUNQUEIRA, 2016, p. 10).

Então, pode-se inferir que a área da educação cabe trabalhar aspectos referentes à identidade, autoconhecimento, valores e diversidade, cujos campos sociais, culturais e religiosos são amplamente demandados. Tendo em vista que, em tempos de pandemia pelo (des)conhecido coronavírus (COVID-19), torna-se fundamental que a religiosidade seja parte dos trabalhos cotidianos, para contribuir como suporte na parte emocional, para amenizar os conflitos e complexidades, ressaltando as contribuições da religiosidade nesse processo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As alterações sociais que a pandemia do coronavírus (COVID-19) trouxe serão irreversíveis e, na educação, esse tempo não voltará, resta, como alternativa, as contribuições de determinadas áreas, tais como da religião, como possibilidade de restabelecer a interação e processo de ensino-aprendizagem que, consequentemente, foram interrompidos.

Em resposta ao objetivo deste estudo, ressalta-se que a importância da religiosidade na área educacional em tempo de pandemia pelo coronavírus perpassa pelo fato de que o indivíduo é um ser social e carece de incentivos positivos para conseguir sobreviver em meio aos conflitos que precisa enfrentar. A pandemia, como foi mencionado, trouxe ansiedade, angústia e medo, de forma avassaladora e, por meio da religiosidade, é possível estabelecer uma relação positiva e de resposta satisfatória no enfrentamento de tantos desafios.

Por sua vez, a inteligência emocional tornou-se a percussora de ações e emoções positivas, a partir da felicidade, satisfação, alegria e prazer de socializar-se de forma confiante e segurança. O contexto educacional, ao revigorar as emoções positivas, corrobora para a manutenção de um *status* saudável junto aos professores/as e alunos/as, pois, no desenvolvimento da inteligência emocional, é fato que as competências pessoais repercutirão de forma individual e coletiva, positivamente.

6 REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **O que é religião**. São Paulo: Loyola, 1999.

ARANTES, Valéria Amorim. Afetividade e cognição: rompendo a dicotomia na educação. 2002. In: OLIVEIRA, M. K.; TRENTO, D.; REGO, T (Org). **Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea**. São Paulo: Moderna. 2002.

BRASIL. **Declaração de princípios sobre a tolerância**. UNESCO, Art. 3º, 3.3, 1995.

CHABOT, D. **Cultive a sua inteligência emocional**. Estoril: Pergaminho, 2001

DAMÁSIO, A. **O erro de Descartes – Emoção, Razão e Cérebro Humano**. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GAIGHER, Elorania Kellis Ahnert. **Educação e religião**: as manifestações religiosas no ambiente escolar e a construção de uma cultura de paz. Vitória: UNIDA, Faculdade Unida de Vitória, 2018.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. 3ª reimp. São Paulo: Atlas, 2010.

GOLEMAN, D. **Trabalhar com a Inteligência Emocional**. Lisboa: Temas e Debates, 1999.

GOLEMAN, D.; BOYATZIS, R.; MCKEE, A. **Os Novos Líderes**: a Inteligência Emocional nas Organizações. Lisboa: Gradiva, 2007.

GRANDISOLI, Edson; JACOBI, Pedro Roberto; MARCHINI, Silvio. **Pesquisa: Educação, Docência e a COVID-19**. Universidade de São Paulo: Cidades Globais. Instituto de Estudos Avançados da USP, 2020. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/pesquisa/projetos-institucionais/usp-cidades-globais/pesquisa-educacao-docencia-e-a-covid-19> . Acesso em: set. 2020.

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Publicações 2020**. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_alphacontent§ion=31&category=422&Itemid=357. Acesso em: set. 2020.

JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo. **Materiais didáticos para o componente curricular Ensino Religioso visando a implementação do artigo 33 da Lei 9394/96 revisto na lei 9.475/97**. Brasília, 2016.

KANT, I. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. (tradução de Paulo Quintela). Lisboa: Edições 70, 1960.

MAYER, J.; SALOVEY, P. Perceiving affective content in ambiguous visual stimuli: A component of Emotional intelligence. *Journal of Personality Assessment*, 54 (3-4), 772-781. 1990. In: VALENTE, Maria Nunes.; MONTEIRO, Ana Paula. Inteligência emocional em contexto escolar. **Revista Eletrônica de educação e psicologia**. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. 2016. Vol. 7. p.1-11.

PASSOS, João Décio. **Ensino religioso**: construção de uma proposta. São Paulo: Paulinas, 2007.

PRETI, 2005. In: MARTINS, Ronei Ximenes; RAMOS, Rosana. **Metodologia de pesquisa**: guia de estudos. Lavras: UFLA, 2013, p. 8-21.

PUNSET, E. Viaje a las emociones. Las claves que mueven el mundo: la felicidad, el amor y el poder de la mente. Barcelona: Destino. 2010. In: VALENTE, Maria Nunes.; MONTEIRO, Ana Paula. Inteligência emocional em contexto escolar. **Revista Eletrônica de educação e psicologia**. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. 2016. Vol. 7. p.1-11.

SENA, Luzia (Org.). **Ensino religioso e formação docente:** ciências da religião e ensino religioso em diálogo. São Paulo: Paulinas, 2007.

SILVA, N.P. **Entre o público e o privado:** um estudo sobre a fidelidade à palavra empenhada. Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo: 2002.

VALENTE, Maria Nunes.; MONTEIRO, Ana Paula. Inteligência emocionla em contexto escolar. **Revista Eletrônica de educação e psicologia.** Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Vol. 7, p.1-11, 2016.